

A viagem que ficou no caderno

10-ano · relato-de-viagem

O autocarro deixou-nos numa praça que o folheto apresentava como «porta de entrada para uma aldeia sem pressa». Eu trouxera um caderno para escrever um relato de viagem e essa frase parecia oferecer-me a primeira linha. Ao descer, ouvi uma carrinha apitar junto do mercado. Uma mulher carregava caixas e pedia ao motorista que esperasse. A aldeia começava o dia sem pedir licença ao folheto.

Seguimos por uma rua estreita até à oficina de cestaria. O artesão mostrou-nos uma peça antiga, reparada com fibras de tonalidade diferente. Explicou que a mudança de cor não era um defeito a esconder: permitia reconhecer a intervenção. Eu anotava o nome das ferramentas quando a colega perguntou quem comprava os cestos. O artesão falou de vizinhos, visitantes e encomendas que preparava antes de viajar para uma feira.

À hora de almoço, o guia conduziu-nos a um miradouro. A paisagem parecia reunir tudo o que o folheto prometera: casas pequenas, uma linha de água e caminhos vazios. Fotografei-a e escrevi «silêncio». Depois reparei num veículo de entregas que ficara fora do enquadramento. A tranquilidade que eu descrevia existia naquele ponto de observação; não resumia a manhã inteira nem o trabalho de quem vivia ali.

No regresso, a colega leu o meu caderno e perguntou por que motivo a oficina aparecia como lugar parado no tempo. Mostrei-lhe a descrição da peça antiga. Ela apontou para a nota sobre a feira: «Se ele viaja para vender, talvez a tradição também se desloque.» Não mudara os acontecimentos; mudara a relação entre eles. Acrescentei à descrição do cesto a história da reparação e das encomendas.

O relato final começou com o apito da carrinha. Mantive o silêncio do miradouro, mas situei-o na tarde e no lugar em que o sentira. O folheto continuou guardado no caderno, como uma voz com um propósito próprio. A minha viagem não o desmentia por completo. Mostrava o que a sua imagem deixava fora e aquilo que eu precisara de ouvir para escrever para além dela.

cestaria · Trabalho de fabricar objetos entrelaçando fibras.

enquadramento · Parte da cena incluída numa imagem.

Escolhe uma opção.

1. O que revela a escolha do apito para iniciar o relato final?
1. O grupo considera a viagem frustrada pela pressa do motorista no mercado.
2. Porque a fotografia deixou de ter valor, a autora abandona a paisagem.
3. A narradora dá lugar à atividade quotidiana que a imagem turística omitia.

Escolhe uma opção.

2. Como é que a nota sobre a feira modifica a leitura da oficina?

1. Mostra uma tradição ligada à circulação e ao trabalho presente.

2. Confirma que os objetos antigos já não interessam aos moradores.

3. Transforma a reparação do cesto numa experiência feita pelos visitantes.

Escolhe uma opção.

3. Que limite a narradora reconhece na palavra «silêncio»?

1. Refere uma condição que desapareceu com a chegada do grupo à oficina.

2. Descreve o silêncio daquele miradouro, não toda a vida quotidiana da aldeia.

3. Exclui o som da água para representar com rigor a paisagem fotografada.

Escolhe uma opção.

4. Em que consiste a intervenção da colega sobre o caderno?

1. Acrescenta um testemunho de quem trabalha no mercado.

2. Reorganiza o sentido dos factos já anotados.

3. Corrige o destino da viagem referido pelo artesão.

Escolhe uma opção.

5. Como o texto caracteriza a relação entre folheto e relato de viagem?

1. O caderno substitui os acontecimentos por uma crítica à promoção da aldeia.

2. O relato acrescenta contextos ao recorte promocional do folheto.

3. A experiência confirma o retrato turístico através de exemplos da oficina.

Indica se a afirmação é verdadeira ou falsa.

6. Ao conservar o silêncio do miradouro e a atividade do mercado, a narradora torna o relato incoerente.
